

Verba Volant, Scripta Manent:

o poder da correspondência em

*Laub e Cárdenas*¹⁴⁶

Página |
298

Aline Costa dos Santos¹⁴⁷

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

Edcleberton Andrade Modesto¹⁴⁸

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discorrer sobre como se manifestam duas formas de correspondência na literatura, a saber: a carta e o e-mail, mais especificamente no romance, a partir da análise das obras “*O tribunal da quinta-feira*” (2016), de Michel Laub, e “*Cartas para a minha mãe*” (2010), de Teresa Cárdenas. Pensando na carta como uma das formas mais antigas de comunicação à distância e como a tecnologia diminuiu isso facilitando a interlocução de forma rápida e eficiente, propõe-se uma análise dos romances acerca deste gênero tão antigo e tão modernizado que é a carta. Em ambas, a correspondência é o eixo central. Sendo que em Laub, esta correspondência se apresenta em forma de e-mails enviados pelo narrador-protagonista a um amigo, enquanto que em Cárdenas manifesta-se através de cartas escritas à mão pela narradora-protagonista destinadas a sua mãe já falecida. Nesse sentido, buscamos apresentar como se dá esta comunicação nessas obras e o que elas revelam sobre seus respectivos narradores. Para refletir sobre o gênero epistolar utilizamos como aporte teórico Nickisch¹⁴⁹ (1991), bem como para discorrer acerca do emissor-narrador utiliza-se os estudos de Leite (1994).

Palavras-chave

Gênero epistolar. Romance. Narrador.

¹⁴⁶ “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001” “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”.

¹⁴⁷ Mestranda em Teoria da Literatura.

¹⁴⁸ Mestrando em Teoria da Literatura

¹⁴⁹ Trechos traduzidos por Pedro Theobald para este trabalho.

Introdução

Ao escrever um e-mail, enviar uma carta ou até mesmo trocar mensagens por aplicativos, confia-se algo a alguém, desde assuntos banais – sobre o dia a dia, trabalho ou férias – até algo muito íntimo, de extremo sigilo, cujo acesso deve ser restrito ao destinatário. Seja qual for o conteúdo, espera-se, de certa forma, que o interlocutor/destinatário dialogue, responda, ou seja, apenas sabedor da notícia. Há uma relação de diálogo, de comunicação entre as partes envolvidas, ou ao menos uma tentativa de.

Nesse contexto, é preciso pensar em como a tecnologia alterou significativamente a comunicação com a chegada da internet. A espera demasiadamente longa pela resposta do receptor acabou. Agora, é possível conversar em tempo real. O e-mail e o aplicativo *WhatsApp*, por exemplo, possibilitaram a troca de informações com uma agilidade impressionante. Todavia, essa conversação através da internet tem seus riscos, pode ser violada a qualquer momento. Jogada na rede, uma mensagem fora de seu contexto pode transformar-se num grande mal-entendido. Uma conversa “vazada” pode destruir a reputação de uma pessoa em questão de horas, através do compartilhamento massivo via redes sociais.

A partir das presunções acima, questiona-se, portanto: qual a importância da correspondência para a narrativa? De que forma ela influenciará na interação entre seus interlocutores? Mediante estes questionamentos, convém investigar brevemente como este gênero literário se comporta enquanto suporte para o enredo do romance. Assim, por acreditar ser possível debruçar-se sobre estas questões e permitir delinear novos rumos perante as narrativas atuais, o presente trabalho objetiva expandir o olhar para além das fronteiras que delimitam o conceito de correspondência e como os avanços tecnológicos modificaram a forma de interação entre as pessoas, tornando-se um caminho insalubre diante dos perigos eminentes.

Ao optar por esta discussão, se faz necessário explicitar que a metodologia Página | pesquisa tem um caráter qualitativo. Para tanto, este trabalho de cunho prioritariamente literário desempenha um papel analítico-observador, servindo de compreensão a respeito da carta na literatura, mais especificamente no romance, a partir das análises nas obras: “O tribunal da quinta-feira” (2016), do brasileiro Michel Laub, e “Cartas para a minha mãe” (2010), da cubana Teresa Cárdenas.

Neste sentido, analisar aspectos do *corpus* literário citado em parceria com a teoria possibilita mapear e traçar os percursos utilizados pelos autores para a construção da

narrativa. Isto posto, para o desenvolvimento deste trabalho, é importante a presença de correntes teóricas postuladas a respeito do gênero carta, a saber: IZQUIERDO (2004), LEITE (1994) e NICKISCH (1991).

Desenvolvimento

Passamos agora à análise, refletindo a noção de correspondência presente nas obras anteriormente apresentadas. Logo, em vista de tal intento, discorrer sobre este gênero dentro da literatura evidencia, dentre tantas outras coisas, que a carta além de ser um canal de informação, também é um espaço privilegiado para se trocar confidências.

A exemplo da exposição do correio eletrônico como nocivo à reputação, temos o romance “*O tribunal da quinta-feira*” (2016), de Michel Laub, cujo narrador, José Victor, um publicitário de quarenta e três anos, tem sua conta de e-mail violada por sua ex-esposa, Teca. Ao ler as correspondências do ex-marido, ela descobre que foi traída e, por vingança, resolve fragmentar partes de diálogos que José Victor travou com o seu melhor amigo, Walter. Tais conversas são, de maneira geral, um tanto comprometedoras, pois Walter é soropositivo e sua linguagem nas mensagens é um tanto grosseira, vulgar, beirando à violência e sugerindo que ele propagaria o vírus. Mesmo que não passassem de “brincadeiras” entre os amigos, aos olhos de outros, as mensagens tomam outras proporções. Conforme José Victor: “Basta uma dúzia de termos ofensivos registrados no presente eterno das caixas virtuais, e algo escrito há anos e em outro contexto equivale a uma ofensa cara a cara dita hoje” (LAUB, 2016, p. 29).

Entre as revelações contidas nos e-mails, está a de que José Victor mantém um caso há sete meses com uma funcionária do escritório em que ele é sócio. Trata-se de Dani, sua atual namorada, 23 anos mais nova, com a qual ele iniciou o relacionamento quando ainda era casado com Teca. Quando as antigas mensagens são compartilhadas, as vidas íntimas de José Victor, Walter e Dani passam do particular ao domínio público. A partir disso, surge um tribunal. Réus: José Victor e Walter. Promotora e juíza: Teca.

Motivada pela angústia de ter sido traída e pelo teor pesado dos e-mails, Teca decide expor José Victor ao encaminhar para uma dúzia de amigas um compilado de mensagens que foram trocadas entre os publicitários. Teca fez um recorte, e, descontextualizadas, essas mensagens passam a ter outros significados. Vejamos alguns excertos:

Remetente: eu. Destinatário: Walter. Data: 10/2/2016. Trecho da mensagem: Acho que para me apaixonar de vez e ser correspondido só falta disciplinar a redatora-júnior.

Remetente: eu. Destinatário: Walter. Data: 10/2/2016. Trecho da mensagem: Uma disciplina adequada começa com uma boa surra de cinto (LAUB, 2016, p. 124-125).

Esses trechos foram compartilhados com as amigas de Teca, e cada uma delas enviou esses fragmentos de e-mails a outra(s) amiga(s), e assim por diante. Cabe aqui pensarmos de que modo cada uma dessas mulheres leu essas mensagens, como a interpretação desses textos parciais (porque retirados de um todo maior) as fez constatar que José Victor e Walter são pessoas horríveis, deploráveis, misóginos, entre outras coisas. Partindo da leitura desses pequenos excertos, as amigas revoltam-se contra José Victor e compartilham seus pensamentos sobre ele em uma rede social, em posts públicos:

Autora do post: amiga de Teca. Trecho: Aí você acorda e percebe que ainda vive na Idade Média [...]. Acabo de ler uma coisa que me fez perder um pouco da esperança que tenho. Vontade de morar no mato e nunca mais lembrar que certas pessoas existem.

Autora do post: outra amiga de Teca. Trecho: O mais triste num indivíduo supostamente civilizado é a incapacidade de enxergar o Outro. Não é um ser humano que está ali, mas um Objeto [...]. Este pode ser o nervo de certas relações, e não estou problematizando apenas os papéis culturais de Gênero [...]

Autora do post: pessoa de quem nunca ouvi falar. Trecho: O ódio a quem não é homem – seja na forma de simples objetificação, ou de abuso, ou de agressão, ou de estupro – parece sempre natural [...]. Ninguém questiona o lugar de onde são determinadas essas Relações de Poder, porque elas não aparecem como Relações de Poder, e sim como Relações Consensuais. [...] (LAUB, 2016, p. 103 - 104).

Tamanha repercussão atinge Dani, pois, nesses fragmentos, ela passa a ser uma mulher que usa de sua sexualidade para conseguir promoção. A vida privada do narrador de *O tribunal da quinta-feira* subitamente é exposta ao julgamento do público que, sem ter acesso total à história, é induzido a encaixar José Victor e Walter nos papéis de vilões e Teca no de mocinha, com Dani representando a ninfeta sedutora. Um enredo simples e que se mostra efetivo para convencer até mesmo um círculo de pessoas cultas e bem-informadas, do qual fazem parte as amigas de Teca, como se pôde perceber pela estrutura e pelo teor dos comentários mostrados anteriormente.

Apesar de o gênero epistolar ter ganhado maior difusão em meados do século XVII, seu auge acontece por volta do século XVIII, época na qual grande parte da produção literária era escrita nesse gênero. A escolha deste se dava pela capacidade de criar um efeito de realidade para o leitor. Assim, seus autores conseguiam obter uma aproximação mais fidedigna com seus leitores. O e-mail, por sua vez, é um gênero advindo das constantes, e

recentes, mudanças tecnológicas. Assim, ao que se pode observar, no romance de Laub, ao selecionar trechos das conversas entre os amigos, ficou subentendido a criação de uma memória antológica. Esta, diga-se de passagem, de muito mal gosto, uma vez que sua propagação no meio virtual causou todo um estardalhaço e, além disso, o linchamento virtual.

Toda correspondência, seja via internet, seja via correio, requer um remetente e um destinatário, e, em geral, versa sobre um assunto que pressupõe sigilo entre as partes. No caso do e-mail, como se vê em “*O tribunal da quinta-feira*”, o vazamento das mensagens pode tomar grandes proporções, por causa da facilidade de divulgação e de propagação: informações são massivamente compartilhadas por meio de um simples toque no computador ou *smartphone* conectado à rede.

Em oposição à rapidez do e-mail, temos a carta tradicional, escrita à mão, datilografada ou digitada, envelopada e selada, uma das formas mais antigas de comunicação à distância e que perdura até os dias de hoje. Era comum passarem-se muitos dias para que a mensagem chegasse a seu destinatário, e, por isso, tardava também a resposta, criando uma situação comunicativa diversa daquela propiciada pela instantaneidade do e-mail.

Reinhard Nickisch (1991, p. 20) esclarece assim o conceito de carta, mais especificamente a que é destinada a alguém que não existe mais no plano do real:

Considerando-se como modelo arquetípico para a carta o estabelecimento de uma comunicação privada por escrito entre dois parceiros separados no espaço, já existem casos de emprego impróprio da carta quando esta é dirigida a um parceiro não existente ou existente apenas na aparência ou mesmo a parceiros a quem não se dirigem cartas diretamente, com exclusão do público.

No romance: “*Cartas para a minha mãe*”, de Teresa Cárdenas (2010), temos o exemplo do emprego impróprio da carta descrito acima por Nickisch (1991). Nesta obra, são apresentadas cartas escritas diariamente, tendo como remetente uma menina adolescente e como destinatária a mãe já falecida. Porque a mãe já não existe mais no plano físico, configura-se o emprego impróprio. É preciso, no entanto, reconhecer que mesmo a ação comunicativa não estabelecendo um pacto de troca, a qualificação quanto à ação do ato de enviar cartas, mesmo sabendo que não obterá respostas, sua natureza está intrinsecamente ligada à natureza da prática epistolar.

Nesse sentido, resumidamente nas palavras de Matencio (2001, p. 78):

uma interação é, ao mesmo tempo, um evento comunicativo – de construção de sentido – e de construção de relações sociais, o que explica por que um evento de

interação é o ponto de articulação entre o sujeito e o social, em outras palavras, o lugar de (re)construção da realidade subjetiva e social.

Nessa linha de raciocínio, a interpretação proposta ao fato em análise é a de que mesmo a comunicação não se estabelecendo, uma vez que o destinatário não está vivo, as cartas ganham um caráter melancólico, e exterioriza o sentimento de perda. Assim, a narradora-personagem relata, em forma de pequenas cartas destinada à sua mãe morta, sua vida desde criança até os quinze anos quando, então, consegue fazer as “pazes” com a ausência materna e entender o luto. Como não compartilha com ninguém a falta que a mãe faz em sua vida, encontra na escrita uma forma de quebrar esse silêncio. E, aos poucos, esses relatos vão revelando o ambiente familiar em que vive. Trazendo à interlocução discursos de uma vida cotidiana, materializada diretamente nas cartas, dando significação a uma realidade vivida e ali recortada em face as memórias de sua emissora.

Por meio das cartas, a narradora faz um recorte de sua vida e escolhe fragmentos para compartilhar com a mãe morta. Essa escolha é importante para a construção da história e nos permite vislumbrar alguns aspectos do cotidiano da filha, sempre condicionados pelo filtro da memória, seletiva e eletiva, que vai moldando os fatos relatados à destinatária. Instaurando um espaço discursivo em que os interlocutores, neste caso aqui, apenas um deles, sugere fazer presente aquele que se encontra ausente. Logo, partindo-se da premissa de que um relato, testemunho, tenha função precípua de reforçar, enfraquecer ou complementar um dado ou informação (HALBWACHS, 2003), a memória será o caminho pelo qual os retalhos das lembranças criam e perfazem um emaranhado combinatório suficiente para a reprodução e/ou recriação do evento tal como ocorrido.

Ao pensarmos em memória, é necessário pensar, concomitantemente, em esquecimento. Para Iván Izquierdo (2004), lembramos somente os fatos que são significativos, pois a memória está intimamente ligada à emoção, assim como também está ligada ao esquecimento. Lembramos porque esquecemos, segundo Izquierdo (2004). Somos capazes de lembrar com exatidão momentos que nos marcaram fortemente pela emoção. Por outro lado, esquecemos tanto o que não nos causou emoção quanto o que causou tamanha emoção – negativamente – a ponto de ser necessário tentar esquecer para que possamos seguir o curso da vida. As lembranças, sejam por grandes momentos de alegrias ou por profunda dor, são memórias produzidas por uma grande carga emocional:

Toda memória é adquirida num certo estado emocional. [...] Todos recordamos onde estávamos e o que estávamos fazendo na hora em que morreu Ayrton Senna ou

quando o segundo avião bateu na segunda torre de Manhattan no famoso 11 de setembro. Ninguém se lembra do rosto da pessoa que nos vendeu os ingressos na última vez que fomos ao cinema, embora o filme tenha sido magnífico; recordamos, sim, parte do filme, mas não todo; quando olhamos pela segunda vez notaremos quantos momentos-chave do filme [...] tínhamos esquecido (IZQUIERDO, 2004, p. 36-37).

As lembranças que a narradora de Cárdenas vai tecendo contribuem para entendermos o quão significativas são essas cartas, que constituem não somente uma correspondência com alguém que não poderá, em hipótese alguma, responder, como também criam um baú de memórias, um pequeno inventário da vida que a filha oferece à mãe morta, para prestar homenagem, buscar conforto e (auto)aceitação. Por isso, para Lukács, o romance está associado com uma busca pelo eu interior em um mundo que não mais oferece uma totalidade externa. Ele afirma que “o romance conta a aventura da interioridade; o conteúdo do romance é a história da alma que vai em busca de si mesma, que busca aventuras a fim de ser provada e testada por elas, e para, provando-se, encontrar sua própria essência.” (LUKÁCS, 1978, p. 79)

A respeito da passagem acima, fica evidente que as cartas que compõem o romance são processos de peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para a narradora, rumo ao claro autoconhecimento.

Na primeira carta, ela conta para a mãe que está morando com sua tia Catalina e que não é bem aceita pelas primas Lilita e Niña, que zombam dela. Já na segunda, a protagonista revela que não gostou de ter mudado de escola e diz: “Sou a menina mais alta e mais preta da sala” (CÁRDENAS, 2010, p. 11); além disso, demonstra a maturidade de, ao falar sobre uma colega que sente vergonha do pai por ser negro, comentar: “O amor não tem nada a ver com a cor” (CÁRDENAS, 2010, p. 12).

Na carta seguinte, a narradora conta que a avó quer “trabalhar na casa de uma família branca”, mas que a tia desaprova, considerando que “isso é coisa do passado” (CÁRDENAS, 2010, p. 13). Aqui se percebe que a posição da tia sobre a questão representa uma mudança de perspectiva na família: de um lado, a avó, gostaria de trabalhar na casa de uma família branca, talvez porque suas ancestrais tivessem feito o mesmo; de outro, a tia entende que elas não precisam trabalhar em casa de brancos, pois são livres e não têm que perpetuar esse passado de submissão.

Ao longo de diversas cartas, a protagonista continua delineando seu ambiente familiar, ao mesmo tempo em que o apreende, às vezes com contornos pesados: percebe que o

tratamento que recebe das primas, da tia e da avó não é nada afetuoso, pelo contrário, é amargo. Conta que lava, cozinha, limpa a casa e é a responsável por cuidar, no colégio, de uma das primas, Niña, revelando ainda que se sente incomodada com a situação, já consciente de que não tem os mesmos direitos que as primas, que são crianças como ela. É interessante notar que a avó gostaria que a narradora trabalhasse na casa dos brancos para que a menina custeasse suas próprias despesas pessoais: quando esta se recusa, é obrigada a assumir mais funções em casa, sendo usada como uma espécie de empregada da família.

Em um dado momento, a narradora conta que a avó crê “que o melhor que pode acontecer com a gente é casar com um branco” (CÁRDENAS, 2010, p. 13). No decorrer das cartas, a tia começa a namorar Fernando, um homem muito claro e com cabelo liso. Com o tempo, a menina percebe que houve uma proximidade de Fernando com a prima Lilita, até o ponto de ver a prima com a camisola aberta enquanto ele observava. Esse episódio causa profundo desconforto na protagonista, porque a faz perceber que Fernando não era uma boa pessoa. Além disso, uma vez ele chega bêbado em casa e agride sua tia. Esse cenário denuncia que a família está passando por sérios problemas e que a situação pode se deteriorar a qualquer momento.

As cartas adquirem um tom cada vez mais denso e significativo na vida da narradora, enquanto registro de suas memórias. Ela quer falar à mãe, mas ao mesmo tempo cria uma espécie de diário, no qual anota sua trajetória e, de certa forma, constrói sua identidade, além de manter presente o histórico de suas raízes. Relatos de desamor, da falta de afeto na casa da tia, e também da descoberta do amor, quando conhece Roberto, um amigo da escola que depois se torna seu namorado.

A protagonista vai crescendo, amadurecendo, escrevendo e resistindo. E, ao longo da narrativa, descobre que existem problemas que vão além dos muros da família. Depara-se com as dores de Roberto, que desaprova a profissão da mãe; da senhora Menú, que perdeu um filho há muitos anos; da colega Sara, que tem vergonha do pai por ele ser negro.

Nessa jornada de autodescobrimento, chega-se a um ponto em que a narradora deve lidar com algo inesperado: a avó, já bem idosa e doente, resolve contar quem é seu pai. E revela que ele é o mesmo de Lilita. Ao compartilhar a verdade com a neta, a vó ainda aponta que a mãe da narradora tirou a felicidade da tia. Essa confissão explica de certa forma por que a tia e a avó a tratam dessa maneira, em uma rejeição inconsciente.

Revelada a paternidade, a narradora e a irmã decidem procurar o pai, o que faz com que a relação entre elas mude de forma positiva. É nesse contexto de entendimento mútuo que, na última carta à mãe, a protagonista demonstra sentir-se em paz e entender o luto:

(...) esta noite voltei a sonhar com você, que me dava adeus. Acho que finalmente, como diria Menú, a luz chegou à sua alma e seu espírito está se elevando. [...] Mamãe, embora preferisse ter você aqui comigo e não aí, tão distante, quero que saiba que eu perdoo você. Perdoo pelos dias em que você não esteve ao meu lado e pelos que ainda faltam. Sei que vai cuidar de mim aí do céu. Não se preocupe. Eu estou bem. E logo encontraremos papai. Tudo ficará para trás. E nós nos veremos algum dia, mãezinha. Adeus. Eu a amo muito... Sua filha. (CÁRDENAS, 2010, p.108-109)

Ao final das cartas-diário, já adolescente, a narradora-personagem mostra-se cada vez mais forte e resistente: é firme ao manter seus traços e não abandonar sua identidade étnica. Todas as cartas que escreveu à mãe constroem a pessoa que foi se tornando, em meio aos percalços da situação difícil de sua família. Uma mulher forte que tem orgulho da sua cor, seus traços, seus cabelos. Uma mulher que insiste em preservar as memórias que têm de sua mãe. Uma mulher que resiste. A carta é uma partilha da narradora com a sua mãe de todas as suas angústias e, quando possível, as suas alegrias.

Em “*Cartas para a minha mãe*”, a narradora conta para a mãe a sua infância, a relação com a tia, a avó, a prima e a irmã, suas descobertas e decepções, escrevendo uma narrativa que se mostra fundamental para a construção de sua identidade. Mostra a força de suas memórias e o quanto é importante reencontrar a criança que foi para perceber e entender a mulher que é hoje. Ademais, o fato de não ser nomeada confere uma conotação universal à história da protagonista.

Conclusão

A partir dos pressupostos acima, ficou evidenciado a importância e o caráter evolutivo que o gênero epistolar vem sofrendo dentro da literatura. Por outro lado, é possível constatar, independente da época, que a correspondência entre pessoas é um elemento fascinante, ao mesmo tempo que se mostra revelador quanto ao estilo e forma.

Tanto “*O tribunal da quinta-feira*” quanto “*Cartas para a minha mãe*” apresentam, a despeito da diferença dos canais de comunicação – as cartas da narradora-

personagem e os e-mails de José Victor e Walter – um ponto fundamental em comum: as mensagens trocadas dirigem-se ao interlocutor com quem os narradores das obras acima mais se sentem confortáveis para partilhar seus segredos.

Ambos os livros têm ainda uma peculiaridade quanto ao leitor: o destinatário de *Cartas* é uma mãe morta, ou seja, que nunca lerá os escritos, então, o relato vira também um diário. E o destinatário de *O tribunal* é o amigo, mas, quando o conteúdo é jogado na rede, as mensagens, editadas, se transformam em uma história acompanhada por várias pessoas, e adquirem significados que comprometem as partes envolvidas. Contudo, cada um dos gêneros epistolares, manifestam-se de forma relativamente diferenciada, o que contribui para produzir o efeito de dinamicidade em cada um deles. Assim, parece coerente supor que estas variações, sobretudo, refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera social, não só por seu conteúdo temático, mas também por sua construção composicional.

Por fim, ambos os narradores editam ou são editados: em Laub, por Teca, em Cárdenas, pela memória da filha, o que faz com que essas duas operações acabem por ficcionalizar a correspondência para além do óbvio de que o gênero está inserido, no caso, em obras que são abertamente literárias, afinal, como pontua Nickisch “todo aquele que se articula por meio de uma carta, em um sentido elementar, está exercendo uma atividade literária” (NICKISCH,1991, p. 20).

Referências

- CÁRDENAS, Teresa. **Cartas para a minha mãe**. Trad. Eliana Aguilar. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro editora, 2003.
- IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- LAUB, Michel. **O tribunal da quinta-feira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo. Duas Cidades, Ed. 34.2000.
- LEITE, Ligia Maria Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1994.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professor/alunos**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- NICKISCH, Reinhard M.G. **Brief**. Stuttgart: Metzler, 1991.

VERBA VOLANT, SCRIPTA MANENT: THE POWER OF CORRESPONDENCE IN LAUB AND CARDENAS

Abstract

The purpose of this article is to discuss how two forms of correspondence are shown in the literature, namely: the letter and the e-mail, more specifically in the novel, from the analysis of the works "The Court of Thursday" (2016), by Michel Laub, and "Letters to My Mother" (2010) by Teresa Cárdenas. Thinking about the letter as one of the oldest forms of distance communication and how technology has diminished this facilitating the dialogue quickly and efficiently, it is proposed an analysis of the novels about this genre so ancient and so modernized that it is the letter. In both, the correspondence is the central axis. Being that in Laub, this correspondence appears in the form of e-mails sent by the narrator-protagonist to a friend, whereas in Cardenas manifests itself through letters written by hand by the narrator-protagonist destined to his deceased mother. In this sense, we seek to present how this communication occurs in these works and what they reveal about their respective narrators. In order to reflect on the epistolary genre we use as a theoretical contribution Nickisch (1991), as well as to discuss the emitter-narrator using the studies of Leite (1994).

Keywords

Epistolary genre. Romance. Storyteller.

Recebido em: 10/12/2018

Aprovado em: 08/02/2019